

# SER ASSISTENTE SOCIAL

**É ATUAR EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS,  
NO COMBATE A TODA FORMA DE OPRESSÃO  
POR DIREITOS E DEMOCRACIA!**

## **Você sabia que Assistentes Sociais ativistas em Direitos Humanos receberam o Prêmio Nobel da Paz?**

Assistentes sociais do mundo todo estão vinculadas/os às causas humanitárias, ao ativismo em Direitos Humanos, em defesa de sociedades justas, livres e democráticas. Não é à toa que, inclusive, este reconhecimento se deu em edições do Prêmio Nobel da Paz; o que reforça a relevância da profissão no mundo.

Em 15 de maio foi comemorado o Dia da/o Assistente Social, profissional que tem as suas ações voltadas à garantia e gestão dos direitos sociais. O foco da sua atuação é garantir o cumprimento dos direitos de forma universal e igualitária.

Aproveitamos as celebrações anuais, sempre marcadas pela reafirmação da agenda em defesa dos princípios éticos, dos direitos humanos de modo intransigente, da liberdade como valor humano central, para reconhecer o protagonismo individual e coletivo. Uma das formas de reconhecimento internacional é o Prêmio Nobel da Paz, criado pelo sueco Alfred Nobel, e que é atribuído a pessoas ou organizações que estejam envolvidas num processo de resolução de problemas, ou àquelas/es que já atingiram os seus objetivos em alguma área específica.

A primeira assistente social laureada foi a norte-americana Jane Addams, premiada em 1931, sendo, então, a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel da Paz nos Estados Unidos. Conhecida como a



Jane Addams. Foto: Wikipedia.

“mãe do trabalho social” (1860-1935), foi uma pioneira ativista, filósofa, socióloga, feminista e pacifista dos Estados Unidos.

Jane se tornaria uma referência por ter se inserido na atividade científica, já que foi uma das primeiras filósofas dos Estados Unidos. Em 1889, co-fundou em Chicago a Hull House, uma casa de

apoio que também abrigava refugiadas/os e grupos atuantes em atividades sociais e culturais (a qual se tornaria uma das maiores do país).

Depois, em 1920, também foi a co-fundadora da União Americana pelas Liberdades Cívicas (ACLU). Em uma época em que os presidentes Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson se identificavam como reformistas e ativistas sociais, Jane Addams era a mais proeminente da Era Progressista, num momento de afirmação do liberalismo. Entre suas bandeiras em direitos humanos destacam-se as ações em resposta às necessidades das crianças, saúde pública e acessível, e a paz mundial.

Em seu ensaio “Utilization of Women in City Government” (“Utilização da Mulher no Governo da Cidade”), Jane discute a conexão entre áreas do governo e a economia doméstica, declarando que muitos departamentos governamentais, o que de certo modo, considerando as contradições daquele tempo, pode ser considerado como uma desconstrução de papéis sociais da mulher.

A segunda assistente social laureada foi a liberiana Leymah Gbowee, agraciada com o Prêmio Nobel da Paz em 2011. Mãe de seis filhos, ela dedicou anos de luta em defesa dos direitos da mulher. Em 1989, a Libéria passava por uma complexa guerra civil. Em 2002, com o intuito de contribuir para o fim do conflito, Leymah incentivou mulheres a realizarem “greves do sexo”. Muçulmanas e cristãs aderiram ao movimento: enquanto seus parceiros não cessassem os combates, elas não manteriam relações sexuais com eles. A inusitada forma de protesto, que remete à comédia grega Lisístrata (em tradução livre para o português, “que separa o exército”), garantiu a atenção da mídia.

Além disso, o movimento feminista liderado por Leymah ganhou ainda mais notoriedade ao ameaçar o presidente e general Abubakar (mediador dos acordos de paz na Libéria), de que todas as manifestantes estivessem nuas. Segundo ela, “Na África, é uma terrível maldição ver uma mulher casada ou mais idosa deliberadamente tirar suas roupas”.

Pelo uso de tal superstição, ela conseguiu que o governo nigeriano



Leymah Gbowee. Foto: Wikipedia.

negociasse com os rebeldes, a partir do que a guerra chegou ao fim no ano seguinte.

Leymah também foi importante na luta pela desmilitarização do país africano e na eleição de sua futura presidente, Ellen Johnson-Sirleaf.

Desde 2006, Leymah é diretora-executiva da Rede Paz e Segurança – África. A organização trabalha com mulheres na Libéria, Costa do Marfim, Nigéria e Serra Leoa para gerar transformações positivas através do ativismo pela paz, educação e política eleitoral.

Ser Assistente Social é ser protagonista de um projeto de sociedade justa, humana e igualitária. Diariamente atuamos com demandas que expressam as diversas formas de opressão e de desigualdade, especialmente de gênero, ético-racial e de classe. Por isso, a análise crítica sobre a realidade social, substrato de nossa intervenção, e as expressões da questão social, objetos de intervenção, permitem aprender também as possibilidades transformadoras. O tempo presente guarda as perspectivas de um futuro orientado por um projeto que anuncia uma sociedade nova. Daí a importância de se construir o futuro no presente, com competência e compromisso ético-político.

#### FONTES:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/das-130-premiacoes-do-nobel-da-paz-17-foram-para-mulheres-conheca-cada-uma>

<https://maryalcantaras.wordpress.com/2011/10/26/assistente-social-ganha-premio-nobel-da-paz%E2%80%8F/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jane\\_Addams](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jane_Addams)





## Você sabia que **Assistentes Sociais** atuam em diversas áreas e dão uma importante contribuição para a sociedade brasileira?

Na conjuntura atual, em que os índices de desigualdade social e pobreza têm aumentado, a importância da atuação das/os assistentes sociais em territórios periféricos, é ainda mais urgente. Reconectar a profissão com as bases, fortalecer a aliança com o popular, com lutas sociais, na aliança permanente com a população usuária dos serviços sociais é fundamental, especialmente diante de um cenário de retirada de direitos.

Luta que, hoje, deve ser lembrada e motivadora na direção da plena expansão dos sujeitos de direitos. Nesse sentido, nossa atuação deve se colocar contra toda forma de opressão e expressão de desigualdades estruturais, como as de gênero, étnico-raciais e de classe. Nosso exercício profissional deve ter compromisso com a classe trabalhadora, principalmente ao priorizar a qualidade dos serviços prestados à população.

Ao considerarmos que o Estado é um espaço heterogêneo e em disputa, devemos articular propostas contrárias às de redução de direitos, como as que estão presentes nas reformas trabalhista e previdenciária. Com o corte de recursos por meio da Ementa Constitucional nº 95/16, sistemas públicos que prestam serviços sociais continuados serão inviabilizados, o que provocará o aprofundamento

da desigualdade. Ao negar uma atuação política orientada pelo princípio da universalidade, o Estado opta pela violação dos direitos, pelo acirramento da questão social.

Tais violações tendem a aprofundar os mecanismos de violência do Estado de exceção, contribuindo com o aumento do racismo, do machismo, da LgbtFOBIA e da xenofobia. Com a invisibilização e o silenciamento da população jovem, negra e periférica, das populações indígenas, dos povos do campo, das populações em situação de rua, temos o risco gravíssimo de seu extermínio, a partir da propagação do ódio e dos regimes de exclusão.

Por isso, o tempo presente requer de assistentes sociais a defesa dos princípios éticos, do projeto ético-político profissional, orientado por um projeto de sociedade que defende a democracia e os direitos como travessias, para a construção de uma sociedade verdadeiramente livre, democrática, soberana, justa e igualitária.

Veja o vídeo institucional produzido pelo Cress-PR em homenagem ao dia da/o Assistente Social:

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=2&v=LJkxVAQo-sY](https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=LJkxVAQo-sY)

# Atuações em todo o Paraná em defesa e valorização da Profissão

## MAIO: RODAS DE CONVERSA E DEBATES MARCAM O MÊS DA/O ASSISTENTE SOCIAL

Durante o mês em que se comemora o Dia da/o Assistente Social, o Conselho Regional de Serviço Social 11ª Região (CRESS-PR) realizou uma série de atividades em todo o estado. Foram discussões que deram ênfase à conjuntura de ataques aos direitos sociais, de congelamento dos recursos para as políticas sociais, de avanço do conservadorismo e do neoliberalismo, ao mesmo tempo em que se discutiu o fortalecimento do exercício profissional, e a explicitação da agenda de defesa dos direitos e da profissão.

O destaque da programação alusiva ao dia 15 de maio foi a Sessão Solene que ocorreu no Plenarinho da Assembleia Legislativa do Paraná, quando também foi assinado um termo de Apoio e Cooperação Institucional entre o CRESS-PR e a coordenadoria do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos, do Ministério Público do Paraná.

Olympio de Sá Sotto Maior Neto, procurador do Ministério Público do Paraná e coordenador do CAOP de Proteção aos Direitos Humanos, declarou sentir muito orgulho de assinar mais um compromisso com a entidade, porque se trata também de responsabilidade social, política e ética.

Joziane Cirilo, presidenta do CRESS-PR e assistente social do INSS, parabenizou as/os professoras/es da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) pelos 75 anos do curso de Serviço Social da instituição, grande referência de ensino para todo o Estado. A dirigente destacou a atuação das/os 12 mil assistentes sociais em diversos setores na sociedade.

A estudante Jaqueline Batista Franco Ferreira, representante da ENESSO na ABEPSS, lembrou a importância de estudantes de Serviço Social participarem das atividades do CRESS, para um contato mais direto com a profissão.

Jucimeri Isolda Silveira, conselheira do CRESS-PR e professora da PUC-PR, falou que as/os assistentes sociais têm a missão histórica de fortalecer as lutas sociais, atuando na elaboração de



CURITIBA / ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



CURITIBA / ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



FRANCISCO BELTRÃO



GUARAPUAVA

projetos, gestão social pública, na defesa dos direitos, e no fortalecimento das agendas dos movimentos sociais.

Na opinião de Márcia Helena Carvalho Lopes, ex-ministra de Desenvolvimento Social e Combate à Fome do governo Lula e representante da Frente Nacional em Defesa do Sistema Único de Saúde e da Seguridade Social, no atual momento de cortes às políticas públicas na área social, a/o profissional de Serviço Social não pode admitir que nenhum direito seja retirado das/os brasileiras/os. “É muito importante encontrar no Serviço Social essa disposição de luta”.

A vice-presidenta do CRESS-PR, Elza Campos e coordenadora da Câmara Temática de Ética e Direitos Humanos, defendeu que o Conselho assumira seu compromisso de projeto ético-político profissional, “lembrando que muitas/os de nossas/os usuárias/os são mulheres negras e pobres. Por isso, a intervenção do Serviço Social exige um olhar voltado às questões de classe, raça e gênero”.

Maria Izabel Sheidt Pires, coordenadora do curso de Serviço Social da PUC-PR, lembrou que o curso na instituição existe desde 27 de maio de 1944, e que só foi incorporado à Universidade em 1969, após os primeiros protestos estudantis em 1968. Até então, o curso era ligado a uma congregação católica.

O CRESS-PR, o curso de Serviço Social da PUC-PR, que completa 75 anos, e o Núcleo de Direitos Humanos da Universidade, receberam as homenagens na Assembleia Legislativa pelos serviços prestados, proposição do deputado estadual Arilson Chiarato (PT).

### COMBATE AO RACISMO SE FAZ TODO O DIA!

No início de maio, a campanha do Conjunto CFESS/CRESS “Se cortam direitos, quem é preta e pobre sente primeiro. A gente enfrenta o racismo no cotidiano! Assistentes Sociais em combate ao Racismo” foi o tema de um debate realizado em Curitiba. Cerca de 100 pessoas, entre elas, assistentes sociais, estudantes de Serviço Social e outras/os profissionais participaram do evento.

Josiane Soares, presidenta do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), sugeriu às/aos presentes uma reflexão sobre os motivos pelos quais tem se falado tanto de racismo. Em sua avaliação, a causa determinante é a intensificação de episódios de



racismo na atual conjuntura, principalmente em relação às mulheres pretas e pobres, o que merece receber a sororidade das/os assistentes sociais.

Outra palestrante, a assistente social Juliana Mara da Silva, da Cáritas Regional, apontou que, quando se fala nessa crise imigratória, é preciso destacar que existem grupos de congoleses, senegaleses, haitianos “sendo explorados na nossa cara, assim como mulheres negras e migrantes brasileiras sendo vítimas de exploração sexual”.

Elza Campos, vice-presidenta do CRESS-PR, destacou a importância da campanha em questão, reforçando a completa adesão do Conselho, e indicando que esta deve ser assumida pela categoria em todo o Estado.

Para a conselheira Jucimeri Silveira, a Mesa provocou reflexões muito importantes sobre o papel das/ os assistentes sociais, que é o de defender os direitos, de explicitar e de denunciar as contradições da atual conjuntura, e de construir, sobretudo, na aliança com a população usuária, movimentos sociais, organizações de direitos humanos, e com órgãos de defesa dos direitos, laços fortes para enfrentar esse processo de avanço do conservadorismo.

Em Itapejara d’Oeste, houve debate em 15 de maio também com o tema da campanha “Se cortam direitos, quem é preta e pobre sente primeiro. A gente enfrenta o racismo no cotidiano! Assistentes Sociais em combate ao Racismo”. O encontro e a oficina “Instrumentos e técnicas do Serviço Social” tiveram a organização de assistentes sociais de Francisco Beltrão e Pato Branco. As palestras foram das assistentes sociais Maria Isabel Cabral da Silva e Esther Luíza de Souza.

Os mesmos eventos foram realizados nos dias 15 e 16 de maio, em Guarapuava, e contou com as palestras de Elza Campos, vice-presidenta do CRESS-PR, e da assistente social Ângela Maria de Souza.

O tema da campanha do Conjunto CFESS/CRESS também foi discutido em evento realizado em Ivai-porã, com a palestra da assistente social Andrea Rocha, e em Foz do Iguaçu, com Elias de Oliveira, conselheiro do CRESS-PR e secretário de Política de Assistência Social do município.

Em Cornélio Procópio, “Se cortam direitos, quem é preta e pobre sente primeiro. A gente enfrenta o racismo no cotidiano! Assistentes Sociais em combate ao Racismo” foi debatido por Rosângela de

Souza Costa Andrean, mestrande de Políticas Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pela coordenadora da Seccional de Londrina, Alessandra Moreira Cortes, assistente social do Hospi-



tal Zona Norte do município e do Movimento Negro Londrina Black Divas.

A Seccional Cascavel também levou ao debate o tema da campanha contra o racismo, com a professora doutora da Unioeste, Esther de Souza Lemos, presidenta da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS).

## REGRESSÃO DE DIREITOS E LUTA SOCIAL!

Em Paranaíba, também no dia 16, o debate girou em torno das “Contrarreformas ao longo da história do Brasil, e a atual proposta de reforma da Previdência Social”. A palestra foi de Viviane Pereira Peres, conselheira do CRESS-PR e diretora da Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores em Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social (FENASPS). Viviane também falou sobre a Previdência Social e garantia dos direitos à população negra, no município de Umuarama.

“Ética e Direitos Humanos” foi tema de debate em Campo Mourão, com a conselheira do CRESS-PR, assistente social de Paranaguá, Tatiana de Fátima Santos, que também fez palestra em Irati com o tema “Regressão de Direitos tem Classe e Cor: Assistentes Sociais no Combate ao Racismo!”.

A Seccional Londrina debateu o mesmo tema, com a assistente social Roseli Fonseca da Rocha, da Fundação Osvaldo Cruz. A Mesa de abertura do evento problematizou os desafios da classe trabalhadora na atual conjuntura, de forma específica, os movimentos sociais, dentre eles, das populações negra e indígena e a comunidade LGBTI.

A palestra central retratou a importância do trabalho da/o Assistente Social no enfrentamento ao racismo institucional e a necessidade de sistematização de informações que expressem a identidade dessa população. De acordo com a palestrante, é urgente a organização e mobilização da população que vivencia os ataques diretos para fazer a resistência, “bem como, o enfrentamento para romper com a barbárie e reafirmar as nossas bandeiras de lutas”.

Em Toledo, também no dia 16 de maio, o professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutorado em Serviço Social pela PUC-SP, Maurílio Castro de Matos, fez a palestra “Dialogando com as/os Assistentes Sociais: atribuições e competências da/o Assistente Social e a produção de documentos acerca da população usuária das políticas sociais”.

No dia 17, a discussão foi sobre o tema “Ética em pesquisa e a produção do conhecimento na área de Serviço Social”.

E no mesmo dia, mas no município de Ponta Grossa, as conselheiras do CRESS-PR, Tatiana de Fátima Santos, assistente social do município de Paranaguá, e Tamires Caroline de Oliveira, assistente social da



Defensoria Pública do Estado do Paraná, debateram o tema “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo: Feminismo e Racismo contra a Mulher”.

O NUCRESS Maringá realizou também no dia 17, no auditório da PUC-PR, campus de Maringá, debate com o tema do Conjunto. A assistente social Solange Gil de Azevedo apresentou uma exposição de projetos realizados por mulheres negras, Baque Mulher, Negras Vozes – Tempos de Alakan, que enfatizam o maracatu e a luta das mulheres negras e o resgate das religiões de matrizes africanas, e que representam o que é ser negra na nossa sociedade.

Jaqueline Zuin, representando o CRESS-Seccional de Londrina, ressaltou a importância desse tema definido pelo Conjunto em encontro nacional. Paulo Oksano, coordenador do NUCRESS Maringá, também enfatizou a importância do tema para a categoria.

Com a palestra “Assistentes Sociais combatem o racismo”, a assistente social Alexsandra de Jesus contextualizou o conceito de etnia para embasar a discussão sobre o processo de formação da sociedade brasileira.

No município de Santo Antônio da Platina, o NUCRESS de Jacarezinho organizou a palestra de Adriéle Volpato Craveiro, assistente social do Ministério Público do Paraná e coordenadora do NUCRESS Cianorte, que falou sobre “A profissão do Serviço Social e a construção dos instrumentais”.

### **A SEGURIDADE SOCIAL EM QUESTÃO. ASSISTENTES SOCIAIS EM DEFESA DE UMA SEGURIDADE SOCIAL UNIVERSAL E PÚBLICA!**

A programação foi intensa também no Litoral do Paraná com a realização do II Seminário de Seguridade Social, do qual participaram Joziane Cirilo, presidenta do CRESS-PR, com a palestra “Os impactos da atualidade na vida da classe trabalhadora: Viabilização de direitos no atual contexto da Previdência Social”; Tatiana de Fátima Santos, conselheira do CRESS-PR, e assistente social do município de Paranaguá; Sílvia Albertini, assistente social da SESA/PR, mestre em Serviço Social pela PUC-SP e que fez a palestra “A Política Pública de Saúde e seus reflexos na Saúde da/o Trabalhadora/or”; Priscila dos Santos Brasil, diretora do SINDSAÚDE/PR, com a palestra “Projeto Terapêutico Singular na atuação da/o Assistente Social na Saúde Mental”; Daraci Rosa dos Santos, assistente social da FAS/Curitiba, que fez a palestra sobre o

“Dilema do SUAS: estratégias de fortalecimento e afirmação da política social, frente à conjuntura”; e Giselle Ávila Leal de Meireles, docente da UFPR, e que apresentou a palestra “Questão Social e Seguridade Social: frente ofensiva do conservadorismo”.

Os eventos que marcaram o Dia da/o Assistente Social se estenderam ao mês de junho. A palestra “Ética no Serviço Social. Projeto Ético-Político do Serviço Social. Desafios profissionais” foi da professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Olegna de Souza Guedes, no dia 4, em Cianorte.



Fotos: Comunicação Nucess.

# O Sistema Único de Saúde é do Povo brasileiro!

O Seminário de Saúde e Serviço Social “O SUS pertence ao povo! Assistentes Sociais em defesa do direito à saúde pública e universal!”, também realizado no início de junho, no auditório da Uninter, em Curitiba, reuniu mais de cem assistentes sociais de diversas cidades do estado, residentes e estudantes de Serviço Social.

Na abertura do evento, a presidenta do CRESS-PR, Joziane Cirilo, destacou que diante da atual conjuntura de inúmeras tentativas de desmonte do Sistema Único de Saúde, “Seminários como esse promovido pelo CRESS-PR, servem para renovar o compromisso e realinhar as forças das/os assistentes sociais, ampliar a estratégia e a participação na defesa da saúde pública e universal”. A presidenta aproveitou para reforçar o convite a todas/os as/os presentes no evento para participarem também do 7º Congresso Paranaense de Assistentes Sociais (CPAS), promovido pelo CRESS-PR, a ser realizado de 26 a 28 de agosto, em Ponta Grossa.

A primeira assistente social eleita reitora no Brasil, Maria Valéria Costa Correia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), fez um raio x da saúde no país desde a Ditadura Militar, e descreveu com precisão os fatos históricos que contribuíram para grandes mudanças na saúde pública nos últimos 30 anos. Desde os debates anteriores à Constituição de 1988, até ataques constantes ao sistema e os cortes e o congelamento de recursos no governo Temer, e agora, as tentativas do governo atual de sucatear de vez o SUS.

Ao longo do dia, foram realizadas as plenárias simultâneas:



- \* Serviço Social e Saúde Mental;
- \* Serviço Social e Residência Multiprofissional;
- \* Serviço Social e os Espaços de Controle e Participação Popular.

Outro evento realizado em junho pelo CRESS-PR foi o Seminário “Defesa da Seguridade Social: uma discussão emergente”, que reuniu em Telêmaco Borba assistentes sociais, especialistas em Seguridade Social e outras/os profissionais.

A ex-ministra de Estado do Desenvolvimento Social (MDS), Márcia Lopes, participou da Mesa que analisou a conjuntura e os desdobramentos da atual política governamental na Seguridade Social, e o compromisso das/os trabalhadoras/es em defesa da Seguridade Social; a assistente social Viviane Peres falou sobre o desmonte da política previdenciária e as consequências à vida das/os trabalhadoras/es em geral.

O SUS PERTENCE AO POVO!

ASSISTENTES SOCIAIS EM DEFESA DO DIREITO À SAÚDE PÚBLICA E UNIVERSAL!



[www.cresspr.org.br](http://www.cresspr.org.br)

# Entrevista:

## Os desafios para a profissão na atual conjuntura



É principalmente em épocas como a atual que as/os assistentes sociais devem orientar o seu exercício profissional a um projeto de sociedade emancipada, o que supõe a superação de toda forma de desigualdade e opressão. Mas é preciso uma atuação individual e coletiva crítica e propositiva, transformadora. Um exemplo de desafio histórico é o da questão étnico-racial, abordada na campanha da Gestão (2017-2020) do Conselho Federal de Serviço Social e dos Conselhos Regionais de Serviço Social (Conjunto CFESS/CRESS). Lançada em 2017, “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo” tem o intuito de debater o racismo no exercício profissional da categoria, ampliando a percepção sobre as diversas expressões dos preconceitos de raça.

A presidenta do CFESS, Josiane Soares, participou da Mesa “Se cortam direitos, quem é preta e pobre sente primeiro. A gente enfrenta o racismo no cotidiano! Assistentes Sociais em combate ao Racismo”, realizada em Curitiba e organizada pelo CRESS-PR. Além de citar ações que vêm sendo desenvolvidas nos estados brasileiros sobre a importância do combate aos estereótipos étnico-raciais, em entrevista exclusiva, ela listou alguns dos resultados já alcançados pela campanha, e analisou o atual momento no Brasil em relação ao racismo.

**CRESS-PR.** Que avaliação a senhora faz da campanha? Os objetivos têm sido alcançados?

**Josiane Soares:** Estamos bem animadas com a campanha de gestão. Foi um acerto muito grande o Conjunto CFESS/CRESS ter deliberado para fazer a campanha de combate ao racismo. Primeiro, por-

que acabou coincidindo com o momento em que a sociedade brasileira tem debatido muito essa questão. Tem nos servido até como termômetro para avaliar as discussões. Então, considero que a recepção da campanha está sendo muito melhor do que poderíamos supor. Tanto entre as/os assistentes sociais, quanto na sociedade como um todo. No Rio de Janeiro, por exemplo, durante o lançamento da campanha, no final do ano passado, dialogando com vários movimentos sociais do segmento de movimento negro organizados da cidade, todas/os adoraram o material de divulgação da campanha, que são os vídeos virais, spots de rádio, bottons, banners, enfim, todas as peças que produzimos têm despertado um grande interesse. Portanto, até pela pegada estética, a campanha está chegando muito bem às pessoas. É uma prova de que estamos conseguindo falar uma linguagem que elas entendem. Do ponto de vista do trabalho das/os assistentes sociais, é algo que ainda temos que apurar um pouco melhor. Mas se temos conseguido fomentar as iniciativas concretas de combate ao racismo no trabalho profissional, que é nosso objetivo fundamental, e dialogar com a sociedade, o que dá divisibilidade ao nosso posicionamento, vamos conseguir também, fazer com que as/os assistentes sociais entendam que é preciso fazer isso no dia a dia, no cotidiano do exercício profissional.

**CRESS-PR.** Quais têm sido as maiores dificuldades que as/os assistentes sociais encontram para programar as ações que a campanha sugere?

**Josiane Soares:** De um lado, está a cultura geral das pessoas não se perceberem reproduzindo o racismo. Do outro, é conseguirmos pautar isso nas equipes de trabalho, porque hoje, dificilmente se trabalha em algum lugar onde só tem assistente social; de modo geral, trabalhamos com outras/os profissionais. E a iniciativa pode ser feita por assistentes sociais de forma isolada, mas institucionalmente, a ação tem um peso maior quando envolve a equipe de trabalho. Então, precisamos ter esse apoio, esse debate na equipe para ampliar as/os aliadas/os e fazer coisas interessantes. No site da campanha de gestão, tem um link específico para recolher depoimentos de profissionais, numa ten-

tativa de estimular que relatem ali projetos e iniciativas de combate ao racismo. A ideia é fazer com que isso se propague pelo país. Em resumo, temos então duas dificuldades: primeiro, um preconceito que não visualizamos singularmente e depois, uma dificuldade institucional de pautar o racismo institucional e das equipes aceitarem e tornarem rotina a realização das ações.

**CRESS-PR.** Qual é o papel dos CRESS nesse processo?

**Josiane Soares:** Na verdade, a campanha se realiza nos estados. O CFESS é um agitador, digamos assim, mas na verdade, o diálogo concreto tem que se dar por meio da fiscalização, no sentido de perguntar, provocar, incidir. Debates como esse que o CRESS-PR realiza, são muito importantes, e não só na semana alusiva ao Dia da/o Assistente Social, mas também ao longo do ano. Vários CRESS têm feito incidências nesse sentido, como Rodas de Conversa com temas específicos, e há ângulos pelos quais isso pode ser abordado: saúde da população negra, gênero, e política pública.

**CRESS-PR.** Como você analisa o tema da Mesa “Se cortam direitos, quem é preta e pobre sente primeiro. A gente enfrenta o racismo no cotidiano”?

**Josiane Soares:** Para todos os lados que você olha, e para as estatísticas, essa situação é fato. Porque o que acontece, é que estamos tratando indireta ou diretamente, depende do ponto de vista, dos resultados da Emenda Constitucional 95/16, que faz o contingenciamento de orçamento para política pública, especialmente da saúde e educação; as outras já vêm sofrendo cortes, como a habitação, o lazer, e a cultura. Então, na medida em que se contingencia a política pública, ela vai ficando cada vez mais focalizada e hoje, a população negra, em especial a mulher negra, já é a maior parte da população atendida em praticamente todos os tipos de serviços, como na assistência e na habitação. Então, é claro que são elas que sentem primeiro, já que estão deixando de ser atendidas cada vez mais por conta do contingenciamento do financiamento.

**CRESS-PR.** A atual conjuntura do país tem apresentado desafios mais complicados de serem enfrentados pela categoria?

**Josiane Soares:** Sem dúvida, não tem nem o que pensar. O racismo já é, hoje, declaradamente, uma política de Estado. Infelizmente, temos que reconhecer isso. De uma maneira disfarçada, já há algum tempo, mas hoje, as pessoas no Estado brasileiro estão perdendo a vergonha de assumir que

são racistas, lamentavelmente. Estimular porte de arma, e aceitar as afirmações feitas pelo governo federal, é incitar ao racismo. No campo ou na cidade, é a população negra que vai ser morta. É política de extermínio, e em grande escala. Nesse cenário, recai sobre as/os assistentes sociais uma responsabilidade muito grande. É óbvio que não somos nós, profissionalmente, que vamos para a linha de frente fazer o enfrentamento dessas situações. Mas elas chegam até nós com a perda da juventude negra nas periferias, o número absurdo de mortes, a perseguição policial, o encarceramento em massa, o uso de drogas, a sociedade sem perspectiva de trabalho, e tudo isso provoca uma piora na demanda profissional com a consequente sobrecarga de trabalho. Por outro lado, há ainda, o contingenciamento da emenda (in)constitucional 95, que não prevê concursos, o que impede a reposição de equipe, e nos adoecendo também. É terrível!

**CRESS-PR.** Como resistir diante de uma sociedade dividida pela intolerância, pelo ódio?

**Josiane Soares:** Precisamos nos juntar, a saída precisa ser coletiva. Se não nos juntarmos, o que vai acontecer é que vamos somatizar até chegar ao ponto de adoecermos. Precisamos pegar na mão mesmo e tirar as pessoas desse lugar, dessas situações. Mas é preciso pensar muito sobre de que forma fazer isso. O ideal seria trabalharmos com cultura, música, teatro, e com jovens, os mais vulneráveis nessa cadeia. Acho que são elementos de trabalho que precisamos revisitar.

**CRESS-PR.** Qual é o foco das comemorações do dia 15 de maio de 2019, Dia da/o Assistente Social? O que comemorar?

**Josiane Soares:** Desde o ano passado, temos falado de resistência, e esse ano, além de resistir, temos dado o tom de denúncias. Mas a finalidade é chamar à resistência, ao enfrentamento do cotidiano. Acho que não podemos esmorecer nisso, não podemos fraquejar. Temos que fazer grupos de estudos, pensar e executar ações juntas/os, promover mais encontros para poder resistir de todas as formas que conseguirmos. Realmente, se formos olhar do ponto de vista das relações de trabalho, do ódio e da conjuntura que não temos, parece que não há o que comemorar. Mas a nossa chamada é para analisar e resistir. Colocar a boca no trombone, ajudar mais pessoas a denunciar o racismo.

**CONFIRA TAMBÉM:**

<https://servicosocialcontraracismo.com.br/>